



Julho a Dezembro 2010

# CAPA e BATINA

Nº 36 • 3ª SÉRIE

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



## NESTE NÚMERO

90º ANIVERSÁRIO  
DA TOMADA DA  
BASTILHA – 2010  
AAC - OS ROSTOS DO PODER

PAG. 04

“O CENTENÁRIO  
DA REPÚBLICA”

PAG. 07

OS NOSSOS PASSEIOS

- JAPÃO E COREIA DO SUL  
- COIMBRA, CASTELO BRANCO  
E ARREDORES

PAG. 10



## PÁG.

03	EDITORIAL
04	EM DESTAQUE Tomada da Bastilha 2010
07	CONFERÊNCIAS Centenário da República O Amor em armas Sobre Alexandre Herculano
10	OS NOSSOS PASSEIOS LÁ FORA – Tóquio /Coreia Sul e CÁ DENTRO – PASSEIO Do OUTONO "Coimbra, Castelo Branco e Arredores..."
14	A VOZ DA FILANTRÓPICA E VISITAS LOCAIS
15	A UNIVERSIDADE HOJE (Eleição do Reitor)
18	ESPAÇO POESIA Homenagem a Eduíno de Jesus
21	BLOGOSFER@
21	EM MINHA OPINIÃO
22	NOTÍCIAS BREVES
23	IN MEMORIAM

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.  
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:  
[www.aaec-lisboa.com](http://www.aaec-lisboa.com)





## EDITORIAL

**Uma Noite nada Improvável**

Honra-me a Direcção da «Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa» com o convite que me faz para escrever o Editorial deste número da sua revista «Capa e Batina».

Vem o convite a propósito da última celebração da «Tomada da Bastilha» – esse encontro, ou reencontro, de antigos estudantes da nossa velha Alma Mater, feito de festa, companheirismo e emoção, que todos os anos a Associação vem promovendo, ao cair de Novembro, como cumpre. E explica-o o facto de, nesse ensejo e desta feita, haver a AAACL entendido dedicar a homenagem, que sempre inscreve no programa de tal evento, à Associação Académica de Coimbra, nas pessoas dos antigos presidentes desta ainda vivos, os quais fez seus Sócios Honorários – e de me haver cabido a mim, o mais antigo dos presentes (e, dos ausentes, para trás só restando mais três!), o encargo de a todos representar na fala que não podiam deixar de dizer na circunstância, exprimindo o seu reconhecimento pelo gesto de que eram alvo.

Para desincumbir-me da solicitação que me é feita, o que virá então ao caso será recordar agora o essencial das despretenhosas palavras que nessa oportunidade proferi – e em que comecei por lembrar que os 32 «privilegiados» que ali estávamos (conto-os pela fotografia, incluindo o Presidente actual!) éramos os elos «mais recentes» (ao cabo e ao resto!) de uma longa galeria de nomes, onde se contam os de tantas personalidades ilustres e notáveis na vida do país, que importava, antes de mais, evocar. Nomes que – e sendo impossível referi-los todos – iam desde o do fundador, António Luís Gomes, aos de António de Sá Oliveira e João Duarte Oliveira, Fausto Lopo de Carvalho e Guilherme Moreira (filho), Alfredo Fernandes Martins (um dos «heróis» da «Bastilha»), Lúcio de Almeida,

Jaime Afreixo e João Gaspar Simões, António Ferrer Correia, José Guilherme de Melo e Castro e João Pedro Miller Guerra, João Antunes Varela e Francisco Salgado Zenha, Luís de Albuquerque, Deniz Jacinto e Augusto Amorim Afonso, Fernando Rebelo e Carlos Paes de Assumpção, e, já mais chegados a nós, Afonso Moura Guedes e Fernando Mendes Silva, António Mascarenhas Gaivão e Ruy Alvim, Carlos Candal e Carlos Amorim! Nomes – acrescento eu agora – de personalidades tão diversas na sua formação e na sua actuação social e cívica (monárquicos e republicanos, «nacionalistas» e «democráticos», da «direita», do «centro» e da «esquerda», crentes e agnósticos, católicos e laicos), mas que, justamente nessa sua diversidade, as mais das vezes separados, algumas juntos, foram o primeiro rosto da Associação Académica de Coimbra, ao longo dos seus 123 anos de história!

E de nós – os que ali nos encontrávamos – salientei como também éramos analogamente tão diversos, nas nossas proveniências mundividenciais e ideológicas, nas nossas histórias pessoais e, em particular, nas nossas histórias e percursos académicos, divergentes e mesmo contrastantes em tantos aspectos! Os de alguns (como o meu próprio) vividos em tempos (a segunda metade dos anos 50 do século passado) ainda mais ou menos tranquilos, e em que não fôramos além, afinal, de uma «benevolente irreverência» juvenil; os dos que vieram a seguir a mim, e depois, vividos num tempo de grande agitação e confronto, de reivindicação aguda e intensa, de contestação e insubmissão – de que alguns dos presentes haviam sido bem conhecidos e «reconhecidos» protagonistas; os dos mais novos – acrescento igualmente agora – vividos já num tempo «outro», na novidade de um outro contexto ou horizonte social e institucional, de um outro estilo de vida e de vida académica, e em que também

outros passaram a ser os problemas e as preocupações.

Mas, sendo tão notória a nossa diversidade, o que nos unia e juntava ali a todos, afinal?

Respondo como então respondi: a «fidelidade» a uma instituição e a honra de a termos em algum momento servido, cada um a seu modo, no tempo e na circunstância que lhe foram dados – a honra de pertencermos a essa longa galeria de nomes e de rostos em que de alguma maneira se «personalizou» a história da academia coimbrã, desde há mais de um século.

É essa «fidelidade» – e o que nela vai de «comunhão», para lá de toda a divergência – que Coimbra é capaz de gerar. E de tal jeito que o livro – apresentado na mesma oportunidade aqui evocada, cuja edição a Direcção da Associação Académica do ano de 2008/2009 em boa hora promoveu, e em que juntou todos esses rostos que ao longo do tempo foram sendo os seus, sob o título *Os Rostos do Poder* (título que eu disse traduzir uma subtil ironia coimbrã e que o Reitor Seabra Santos, no mesmo ensejo, com justeza qualificou de «enigmático...») – esse livro, bem poderia intitular-se também «Os Rostos da Fidelidade»!

Foi a constância dessa «fidelidade» que, em nome de todos pelos quais falava, reafirmei, nessa noite, ao nosso Reitor. São essa «fidelidade» e essa «comunhão» que a «Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa» preserva e tão dedicada, empenhada e amorosamente anima.

E é esse mesmo espírito de «fidelidade» e «comunhão» que me permite, sem ousadia, e que me leva a evocar e qualificar essa noite, que juntou tantos «coimbrãos» e tão diversos, como, em boa verdade e afinal, uma noite nada improvável!

*José Manuel M. Cardoso da Costa  
Presidente da Direcção da Associação  
Académica de Coimbra em 1959/60*

# 90º ANIVERSÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA – 2010

## CASINO ESTORIL, 20 DE NOVEMBRO



*O magnífico Reitor, DG da AAC e os órgãos sociais da AAECCL*

### Homenagem aos Presidentes da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC)

Decorreu no passado dia 20 Novembro a comemoração do 90º aniversário da Tomada da Bastilha, no salão Preto e Prata do Casino Estoril, neste ano subordinado ao tema da Homenagem aos Presidentes da AAC. Compareceram o actual e 30 antigos presidentes da Direcção Geral (DG) da Associação Académica de Coimbra.

O programa do evento iniciou-se com um Coimbra de Honra que permitiu que os participantes fossem chegando

e cumprimentando os demais, alguns dos quais não se encontravam já há muito tempo.

Após o Jantar de Gala, o Show do Casino, "Fado – A História de um Povo", de Filipe La Féria, e um ligeiro intervalo para visitar as peças presentes na exposição, no Hall e no Foyer do Casino, cedidas pelo Museu Académico de Coimbra e pela DG da AAC. De salientar a 1ª Taça de Futebol ganha pela Académica e o Troféu Olímpico, entre outras peças valiosas.

Teve então início o Show Nosso, apresentado por Pedro Carvalhas, também antigo estudante de Coimbra e Pivot

da TVI, e sob a égide do Magnífico Reitor Seabra Santos e a adesão dos dirigentes da Associação Académica de Coimbra, Miguel Portugal e Marco Veloso.

Nas suas palavras de abertura e em nome dos Órgãos Sociais da Associação anfitriã, a presidente da Direcção Fátima Lencastre, após dar as boas vindas e saudar todos os presentes, fez desde logo eco do sentimento de júbilo por se ter logrado alcançar o objectivo da Gala: a união de todos os estudantes de Coimbra e seus representantes, de geração em geração, sem distinção de títulos académicos





A "jovem" presidente académica

ou profissionais nem fronteiras mediática, política ou social, mas professando uma só fé: honrar a nossa prestigiada Universidade de Coimbra e a sua imorredoura Academia!

Louvou, pois, a Associação Académica de Coimbra, saudando ao vivo os seus 30 ex-Presidentes presentes e elevando um pensamento para os que já nos deixaram (no que foi secundada pela assembleia, em pé).

Dirigiu, a seguir, saudações especiais ao Magnífico Reitor e Reitores presentes, Rui Alarcão e Fernando Rebelo, lendo uma mensagem do Reitor Coteló Neiva (cujos venerandos 93 anos só deste modo lhe permitiram associar-se "à tão digna homenagem, de grande interesse e satisfação"); aos dirigentes da AAC; ao Director do Museu Académico de Coimbra, Artur Trindade Ribeiro; aos Presidentes das AAEC em Braga, Porto, Alto Mondego, Coimbra, Madeira e Guiné-Bissau; ao 1º Presidente da AAEC em Lisboa, Proença de Carvalho, e Presidentes da ex-Delegação em Lisboa da Associação de Coimbra, Manuela Alves da Costa e Fernando Pardal; aos Presidentes da Casa dos Açores, da Casa das Beiras, da Casa da Académica em Lisboa e da Casa de Goa; ao Vice-Presidente da Câmara Municipal de

Coimbra; e palavras de agradecimento ao apresentador, aos participantes no Show Nosso, ao Casino e aos patrocinadores.

Terminou com a invocação do livro "AAC – Rostos do Poder", onde todos os Presidentes da AAC desde 1889 estão imortalizados; e um apelo aos ali homenageados para que, fazendo "jus" ao título de sócio honorário da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, fortifiquem, pela divulgação e participação, a vivência associativa em torno da "alma mater". Foi entregue pelo presidente do Conselho Fiscal da AAEC o prémio ao melhor aluno da Faculdade de Economia indicado pelo Magnífico Reitor, João Gabriel Fidalgo.

Procedeu-se à divulgação do livro "AAC – Os Rostos do Poder" pelo representante dos seus autores, João Campos, cuja publicação serviu de base à ideia do tema da Gala deste ano, reforçada pela vontade de promover um evento que pudesse ter um tema abrangente e transversal às várias gerações de estudantes.

Seguiu-se a projecção de um vídeo evocativo de diversos aspectos da vivência da Associação Académica e da sua acção diversificada. Dos momentos reforçados em palco ou ao vivo referimos:

- a Canção de Intervenção com a presença em palco dos cultores Luiz Goes, Durval Moreirinhas e Jorge Tuna.

- o desfile da Taça de Portugal e do troféu olímpico, empunhados pelo Joa-

quim Couto da Casa da Académica em Lisboa e por um jogador da AAC.

- a Operação Balão e Operação Flor, com a largada de balões e a entrega de flores às damas que acompanharam os homenageados, evocando momentos similares aos da época da crise académica de 1969.

- a ligação em directo à Rádio da Universidade (RUC) e ao jornal A CABRA, na Internet:

A 4 de Junho - "Operação Flor":

No dia 3 de Junho, após uma carga violenta da polícia de choque, os estudantes irromperam pelo Mercado Municipal provocando estragos em algumas bancas de venda. De forma a minimizarem os estragos provocados, os estudantes decidiram que no dia seguinte voltariam ao mercado para comprarem as flores naturais que encontrassem. De seguida iriam pela Baixa da cidade, oferecê-las à população.

A 14 de Junho - "Operação Balão":

Os estudantes partiram da AAC e dirigiram-se ao Largo da Portagem, na Baixa, transportando milhares de balões de várias cores, onde previamente inscreveram as reivindicações estudantis. Desta forma, iludindo a vigilância policial, conseguem mais uma vez, informar a população de Coimbra da Luta e dos últimos acontecimentos ocorridos na Alta.

A celebração da Tomada da Bastilha configurou um desfile dos homenageados que transportaram os archotes enquanto se dirigiam ao palco. Aqui,



A Taça e o troféu académicos



Luiz Goes, Jorge Tuna e Durval Moreirinhas

foram agraciados individualmente com a entrega de um diploma a atribuir o estatuto de Sócio Honorário da AAACL.

O mais antigo dos Presidentes presentes, José Manuel Cardoso da Costa (1958), usou da palavra para os agradecimentos da praxe, em nome dos demais homenageados. Falou ainda o dirigente Miguel Portugal...

Como é tradição académica, ao Magnífico Reitor coube a última palavra, numa mensagem plena de apreço pelo Estudante de Coimbra, antigo e actual, e pelas organizações associativas.

Para finalizar o programa da Gala com a tradicional Serenata, o grupo "Serenata de Coimbra" apadrinou o grupo "Serenata ao Luar". Este grupo interpretou fados pelas vozes do Nuno Lage, António Ribeiro e Alcindo Costa que fez a ponte entre os dois grupos, acompanhados pelos guitarristas, TóJó Mendes e Pedro Anastácio, e pelos violas, Luís Martins e Manuel António Pera.

O grupo Serenata de Coimbra fez-se

representar pelas vozes de Fernando Rosa, Vítor Carvalho, João Tomé e Tito Costa Santos, pelos guitarristas Alexandre Bateiras e António Agostinho e pelos violas João Gomes e Carlos Lima. A Balada da Despedida congregou todos os participantes e dirigentes associativos.

Das palavras ouvidas no final dos ex-Presidentes da AAC e das mensagens enviadas, ficou um sentimento positivo. Se não, vejamos algumas delas:

"Com mais Galas assim virei sempre..."

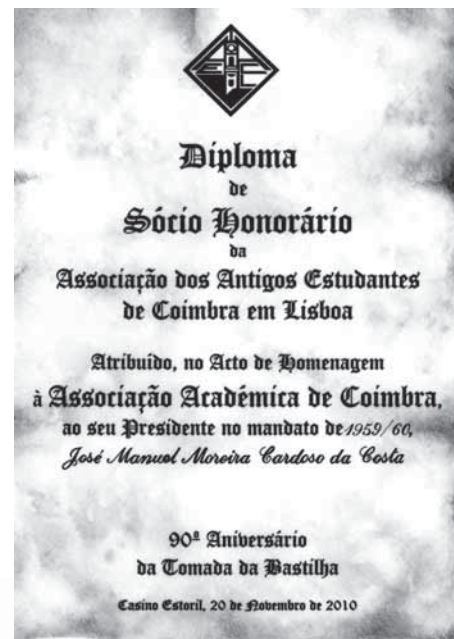
"Saímos daqui com o ego reforçado"

"Foi um momento mágico"

"Foi uma reunião magnífica, uma festa que pressupõe alta qualidade de organização"

"Uma noite de gala que só o espírito coimbrão consegue, repleta de emoções, encontros e reencontros"

"Uma iniciativa de enorme sucesso, que se inscreve, com emoção e saudade, num dos momentos mais lembrados dessa extensão da nossa vida académica e universitária"



*O Diploma de Sócio Honorário*

"Mais importante que as figuras dos ex-presidentes foi a homenagem à nossa Associação Académica de Coimbra! Esse é que é o símbolo (um deles, pois a Universidade é outro) eterno".



*Todos ao palco para a Balada da Despedida*





# “O CENTENÁRIO DA REPÚBLICA”

Artur Santos Silva

Artur Santos Silva, Presidente da Comissão para as Comemorações do Centenário da República, entre outras actividades e diversas responsabilidades, foi o orador convidado no Jantar Conferência evocativa do seu Centenário realizado pela AAECCL no Palace Hotel, no passado dia 19 de Outubro de 2010. Nas suas palavras iniciais, após os usuais cumprimentos, referiu que a “aceitação do convite se relaciona com o grande envolvimento que os seus antepassados tiveram com a República, numa articulação da memória, para respeitar o passado, ligando-o ao presente e projectando o futuro”. Publicamos de seguida o seu texto na íntegra. Seguiu-se um momento de Perguntas e Respostas da audiência presente, cerca de 75 pessoas, que rematou a sessão com um forte aplauso à qualidade da apresentação e à excelência das ideias transmitidas.

A República foi acima de tudo um movimento cultural regenerador que pugna pela democratização da sociedade portuguesa, pela laicização das instituições e das consciências, pela modernização económica e social de Portugal. A afirmação da liberdade e da dignidade da pessoa humana, o combate à pobreza e à desigualdade, a construção do Estado de Direito ficam a dever aos ideais republicanos um inquestionável aprofundamento.

A revolução republicana foi, em larga medida, uma revolução cultural, que afirmou a cidadania democrática baseada na participação, na igualdade dos cidadãos perante a lei, na virtude cívica, na responsabilidade democrática dos órgãos e titulares de cargos políticos. Procurou valorizar o homem pela educação e formação contínua, com um voluntarismo quase iluminista promoveu a ciência e as artes, criando Universidades e outras importantes instituições ligadas à geração e difusão do conhecimento. Assumiu-se, assim, a centralidade da educação como factor privilegiado de desenvolvimento humano e de promoção da igualdade.

Na ética republicana, a valorização dos ideais, o exaltado sentido de cidadania, a consagração à causa pública, a paixão pela justiça, a incessante procura do progresso social, a liderança pelo exemplo, os deveres morais à altura das convicções firmes, foram alguns dos grandes lemas insistentemente afirmados por muitas das primeiras figuras da República.

A República era o fim da História. Afirmava a ética da honradez, o amor à Pátria e à Humanidade. “Cavaleiros do Ideal” ambicionavam conquistar os cidadãos pela instrução e pela devoção cívica.

A I República suscitou grandes esperanças. E os ideais republicanos constituem uma herança moral que importa, hoje e sempre, valorizar.

Mas muitas esperanças acabaram frustradas. Foi consagrada a separação da Igreja e do Estado (até aí o catolicismo era a religião oficial). O princípio era inatacável e foi até evocado pelo papa Bento XVI, na visita a Portugal em Maio deste ano, ao saudar o centenário da República. Mas uma parte importante dos governantes republicanos assumiu

um violento combate à Igreja Católica, que se revelaria altamente negativo para o regime. Um erro que os políticos portugueses tiveram o cuidado de não repetir após a restauração da democracia, em 1974.

A Constituição republicana de 1911 era parlamentarista, dando escassos poderes ao Presidente da República, que não era eleito pelo povo. O que contribuiu para uma enorme instabilidade governativa, impedindo a execução de políticas consequentes, em particular nas finanças do Estado. Também esse erro foi evitado na actual Constituição portuguesa, de 1976, que optou pelo semi-presidencialismo.

Outro factor que abalou a I República foi a entrada do país na I Guerra Mundial, em 1916. Com tropas mal preparadas e mal equipadas, a vida nas trincheiras fomentou, entre os militares, sentimentos hostis aos políticos republicanos. E, de facto, uma revolta militar em 1926 viria dar início a um regime não democrático, que perdurou até 1974.

Porque é que as reformas republicanas de fundo não avançaram? Por que razão foram tão tensas as relações com o Movimento Operário? Porque não se souberam submeter os militares ao poder político? Como é que a mais elementar falta da ordem e de segurança permitiu a loucura da “noite sangrenta”, em que foram brutalmente assassinados, entre outros, António Granjo, Machado dos Santos, Carlos da Maia? A propósito dessa noite infame de Outubro de 1921, Jaime Cortezão sentenciou “Diga-se a verdade toda. Os crimes que se praticaram não eram possíveis sem a dissolução moral a que chegou a sociedade portuguesa”.

A República que faz hoje todo o sentido lembrar e assinalar, como recomendou Fernando Rosas, "é a tentativa pioneira de democratização e modernização social, essa República retemperada e redescoberta com o sacrifício, até há poucos anos quase ignoto, de tanta gente, essa República que inspirou a resistência à Ditadura Militar e ao Estado Novo". A Revolução de 25 de Abril de 1974 pôs fim a quase meio século de um regime ditatorial e opressor das liberdades. Pós termo a uma guerra colonial em África que se desenrolava em três frentes e para a qual os regimes de Salazar e de Caetano não quiseram e não souberam encontrar saída política.

Mas os tempos que se seguiram ao 25 de Abril foram marcados por graves incertezas económicas e políticas.

No plano político subsistiram durante algum tempo após o 25 de Abril grandes dúvidas. Para onde se encaminhava Portugal? Para um regime colectivista de tipo soviético? Para uma linha política terceiro-mundista de capitalismo de Estado? Ou para uma democracia representativa semelhante às existentes na Europa e um sistema económico que consagrasse a livre iniciativa?

Foi essencialmente para acabar com estas incertezas que Mário Soares, então primeiro-ministro, decidiu em Março de 1977 solicitar a adesão de Portugal à CEE. Isto, note-se, contra a opinião de muitos, que julgavam nessa altura prematuro esse pedido de adesão. Mas Mário Soares percebeu que só assim poderia ser reforçado o jovem e ainda frágil regime democrático português.

Com a assinatura do Tratado de Adesão à CEE, Portugal regressou à Europa, o novo destino estratégico nacional. Reencontrámo-nos com a História, voltando à fronteira do Século XV.

O que se passou a seguir deu inteira razão à aposta feita. Portugal entrou numa fase de modernização económica sem precedentes, com impactos muito importantes na saúde, na educação, na segurança social e nas infra-estruturas de comunicação.

Porém, na última década, o País deixou

de se aproximar da média comunitária de rendimento per capita, entrando num período de estagnação económica.

Os portugueses tardaram a reconverter o seu aparelho produtivo para bens e serviços de maior valor acrescentado e mais alto conteúdo tecnológico, mudança indispensável para enfrentar com êxito as novas realidades da globalização. É uma profunda alteração na nossa estrutura económica, já iniciada, que agora urge acelerar. Importa, em todo o caso, sublinhar que as exportações de bens e serviços de média ou elevada tecnologia, entre 1996 e 2008, se elevaram de 35% para 44% do total enquanto as de bens tradicionais caíram de 41% para 24%.

Os dois maiores partidos portugueses estão de acordo desde há cerca de quinze anos quanto a um ponto fundamental: para não perder influência numa União alargada a novos Estados membros, Portugal deverá estar sempre presente e activo nos grupos mais avançados da integração europeia.

Por isso nos empenhámos não apenas em cumprir os critérios para adoptar a moeda única, mas por fazer parte do primeiro grupo de países da zona euro. A decisão de tudo fazer para integrar os países fundadores da moeda única não teve depois paralelo na interiorização das exigências de um regime monetário que já não permite desvalorizar.

O Estado e os parceiros sociais não tiveram em devida conta os requisitos de pertencer ao euro e por isso desequilibrámos as contas públicas e perdemos competitividade.

Temos, agora, que mudar de vida e concretizar reformas inadiáveis na administração central do Estado e no poder local, na justiça, na educação, na sustentabilidade do sistema de saúde e nas relações laborais.

Para tal impõe-se a formação de um compromisso sério e de longo prazo entre as principais forças políticas e sociais que garantam que tais reformas serão executadas.

Só tais reformas permitirão a Portugal vir a ter sucesso na convergência real com a União Europeia, sem as quais a

competitividade externa do nosso País não melhorará, como todos aspiramos que aconteça.

Temos que ser capazes de organizar e gerir melhor a sociedade portuguesa – das empresas ao Estado. Todos temos que trabalhar melhor, que gastar menos, que poupar mais, promovendo investimentos que contribuam para criar emprego e reduzir a dependência do exterior.

No curto prazo será impensável que não se cumpram, custe o que custar, os compromissos assumidos no PEC para 2010 e 2011. E temos que apresentar de imediato resultados inequívocos dessa determinação, tal como têm feito todos os outros países europeus com problemas semelhantes aos nossos.

Portugal está na União Europeia e não se tem limitado a desempenhar aí um papel passivo. Também o tratado em vigor tem o nome da Capital do nosso País. O mesmo se diga da Agenda de Lisboa, aprovada em 2000 durante a Presidência Portuguesa, que definiu as políticas e os meios para que a Europa fosse em 2010 o espaço mais competitivo à escala mundial. Foi então dada especial prioridade ao investimento em I&D e Portugal conseguiu ser dos países que mais cresceu, aproximando-se da média comunitária. Esse crescimento, medido em percentagem do PIB, elevou-se de 0,7% em 2000 para 1,5% em 2008 – e é maioritariamente assumido pelo sector empresarial – quando a União Europeia se manteve em cerca de 1,8%, estando, pois, muito longe da meta que se propôs para 2010, de 3% do PIB, ao passo que Portugal está muito perto do objectivo que então assumiu de 1,8% em 2010. Os objectivos das estratégias "Europa 2020" e "Projecto Europa 2030" (Relatório dos Sábios, liderado por Felipe Gonzalez) confirmam, naturalmente, essa ambição e o acerto as nossas políticas de investigação e inovação.

Num momento de crise do processo de integração económica, política e social, importa combater o progressivo alheamento dos cidadãos face ao ideal europeu. Deverá imprimir-se um novo impulso a este extraordinário projecto, único



no mundo, de reforço da afirmação dos países europeus através do exercício em comum de parte das soberanias nacionais de cada um.

A actual crise da integração europeia não é a primeira e não será certamente a última. É, até hoje, seguramente a mais séria. Estou certo que vencer a crise exige mais Europa e não menos.

Com as Comemorações do Centenário procurou-se estimular um balanço plural e crítico sobre a República, aprender com a sua História, projectá-la no nosso presente, questionar a qualidade da nossa vida democrática.

Finalmente, gostaria de encerrar a minha intervenção, assumindo como de todos nós a ambição expressa no nº 1 da

Seara Nova, em 1921, renovar a mentalidade da elite portuguesa, tornando-a capaz de um verdadeiro movimento de salvação criar um opinião pública nacional que exija e apoie as reformas necessárias defender os interesses supremos da Nação, opondo-se ao espírito das oligarquias dominantes e ao egoísmo dos grupos, classes e partidos."

## PALESTRA “O AMOR EM ARMAS”

José Marques Vidal efectuou uma Palestra na sede da AAECCL sobre o "Amor em Armas", o Romance e a História, em 22 de Setembro de 2010. Referiu nas suas palavras iniciais que "O Amor em Armas não é um romance histórico. É tipicamente um romance de amor e aventuras, enquadrado numa determinada época histórica que abrange o período das I e II Invasões Napoleónicas, onde se fundem a realidade acontecida e a imaginação do autor na criação das personagens e tramas sentimentais em que estas se envolvem. O romance, mesmo o histórico, é por sua natureza sentimental e pouco propício ao rigor da factualidade histórica.

A elaboração do romance levou-me a

rever a História de Portugal, cadeira dos meus tempos liceais e da minha especial predilecção".

Mais à frente, no final da sua interessante dissertação mencionou que "Estas transições, onde os pequenos e grandes feitos históricos que na época abalaram a Pátria se entrecruzam, dão-nos uma ideia do ambiente de incerteza e de insegurança em que medram os amores de João e Margarida de Daniel e Zulmira. Porque, repito, de um singelo romance de amor e aventuras se trata, sem pretensões a compêndio de História.

No entanto, não deixarei de acentuar que a época foi marcante para Portugal. A francesa foi a última invasão do solo pátrio por forças estrangeiras. E, em com-

pleto acordo com Raul Brandão no seu "El-Rei Jinô", se o povo foi o primeiro a levantar a grimpá contra a humilhação, a sua revolta foi acicatada pelos frades mendicantes que então, aos milhares, enxameavam o País. Bem como, rezam os Anais Militares, cerca de 60% das baixas sofridas pelo invasor francês durante as Guerras Peninsulares, se deveu a acções de guerrilha popular e não ao confronto dos exércitos nos campos de batalha".

Com as perguntas e respectivas respostas por parte do autor terminava esta interessante palestra, realizada num final de tarde.

(O texto completo da palestra poderá ser consultado na AAECCL ou pedida uma cópia).

## SOBRE “ALEXANDRE HERCULANO” PELO PROF. DOUTOR HERMENEGILDO FERNANDES – EM 9 DE JULHO DE 2010

Alexandre Herculano de Carvalho Araújo nasceu em 28/3/1810 e faleceu em 13/9/1877.

Atenta às efemérides nacionais mais relevantes, a Direcção celebrou o bicentário do seu nascimento com uma Conferência proferida por um especialista na matéria, da Universidade de Lisboa (cujo Reitor, Prof. Doutor António Sampaio da

Nóvoa, também esteve presente).

Na sua exposição, o Conferencista focou a figura de Alexandre Herculano nos aspectos primordiais da sua obra e intervenção: o maior historiador científico do século ("História de Portugal") e poeta; os seus pensamento e acção políticos (oposição aos governos absolutistas); a sua religiosidade

sem intermediários (anticlericalismo), a que juntou a sua apetência pela agricultura, no final da vida ("o maior produtor de azeite") na Quinta de Vale de Lobos, Santarém, onde o Imperador D. Pedro II do Brasil teve de deslocar-se se quis conhecê-lo...

O debate que se seguiu atesta o apreço e interesse dos muitos ouvintes.



# LÁ FORA

# JAPÃO E COREIA DO SUL – VERÃO DE 2010

*Maria Luisa Falcão*



*O grupo excursionista frente ao monte Fuji*

A 27 de Setembro 41 animados companheiros rumaram ao Japão e Coreia do Sul aterrando em Osaka. Começamos por visitar o imponente Castelo, reconstruído no séc. XX com grande muralha e fosso com água em redor. Do alto do seu 8º andar onde chegámos de elevador, desfrutámos linda vista.

Apanhámos o "Bala" até Hakata, a uma velocidade de 300 Kms/hora, sem o sentir. Depois de atravessar o Pacífico em túnel submarino, por entre vales e montanhas verdejantes, e imensos campos de arroz, chegámos a Nagasaki. Esta cidade arrasada na II Grande Guerra pela Bomba Atómica, é hoje uma cidade moderna. Visitámos o Parque da Paz e a casa Glover e seus belos jardins onde se filmou em tempos a ópera *Madame Butterfly*.

Outra vez no "Bala", a caminho de Hiroshima, sempre com a mesma e rica paisagem, muitas povoações em que

as habitações se encostam não roubando a pouca terra cultivável, toda ela aproveitada. Também vimos fábricas e fábricas.

Hiroshima, no dia 6 de Agosto de 1945, às 8 e 15, foi arrasada por Bomba Atómica e 250 mil pessoas morreram ou ficaram feridas. Hoje é uma moderna cidade atravessada pelo rio Ota, desdobrado em 6 grandes canais. Daqui seguimos de barco, para a Ilha Miyajima que atingimos pela porta vermelha a encantarmo-nos com o romântico Templo Itsukushima Shrine.

Continuando para Kioto, cidade moderna de arranha-céus coexistentes com bairros de ruas estreitas, casas baixas, intimistas e escuras. Vimos gueichas em vários estádios do seu percurso desde iniciadas até mais velhas, com os seus kimonos e salamaleques. Caras e pescoços pintados de branco, com bico na nuca, lábios vermelhos, vénias e sorrisos constantes.

Inolvidável o Kinkakuji, templo de três pisos, exteriormente todo folheado a ouro, encimado por Phoenix dourada, inserido em parque verde e lagos cheios de nenúfares e uma ponte vermelha arqueada sobre ele. Respira-se calma, espiritualidade e beleza.

O Castelo de Nijo é constituído por vários pavilhões. A porta de entrada do Palácio tem esculturas em madeira de aves em voo, pavões e flores – um espetáculo de cor e movimento. A sua decoração interior é rica, com pinturas de cerejeiras em flor nas paredes e pavimentos "rouxinol" que, quando pisados, emitem sons semelhantes aos das aves, mas também de aviso aos intrusos.

Outro templo magnífico é o de Sanjusangendo com mil e uma imagens douradas da Deusa Kannon, a da Misericórdia, de grandes dimensões. Seguimos para Uji, terra do chá, que é cultivado em estufas para não apanhar



geada. Parámos no Templo Byodoin, lindo, com ponte, também vermelha e não menos romântica, inseridos num parque verde e frondoso.

No templo Horyu-ji, berço do Budismo japonês, rezámos a um Buda de bronze de 16 m de altura. Estivemos também no Todai-ji, o maior edifício de madeira do mundo, onde para nós olhava o maior Buda sentado de bronze do mundo.

Por entre enormes criptómeras e inúmeras lanternas de pedra atingimos o Santuário Kasugataisha ornado com três mil lanternas em pedra, bronze e douradas.

Notícias do nosso país levaram as excursionistas a constituir um movimento "Mulheres ao Poder" e consequente "Governo Sombra" para ajudar a resolver as graves dificuldades que atravessa. Enquanto decorriam estes trabalhos, com grande entusiasmo e animação, visitámos o Santuário Xintoísta Ise, a praia das Pedras Casadas e seguimos para a Ilha das Pérolas, reino de Mikimoto, 1º criador das pérolas de cultura.

No dia seguinte, 5 de Outubro, visitámos o maravilhoso Castelo de Nagoya e o templo Kotokuin, com o seu gigantesco Buda da Amizade, ao ar livre, o "Mais belo do Japão". Foi neste dia que avistámos o vulcão Fuji encoberto por nuvens e rodeado por 4 lagos de grande turismo. Ao nascer do dia seguinte do terraço do hotel vimos o Fuji, em todo o esplendor dos seus 3.775 metros de altura. A caminho do lago Ashi, passámos pelas fumarolas de Owakudani, andámos no teleférico e com o Fuji nas costas o grupo imortalizou-se em fotografia. Belo foi o cruzeiro no Lago. Chegámos a Tóquio!

Tóquio é uma cidade enorme, junto ao Pacífico, baía despoluída, arranha-céus de arquitetura vanguardista e de bom gosto, viadutos e pontes são muitos para servir os seus 27 milhões de habitantes. Muita gente jovem, moderna e exótica. Não grafitis, não papéis no chão, limpeza e brilho em tudo o que vemos, espaços na via pública para fumadores, tudo um exemplo de higiene e civismo. Outossim a sua higiénica alimenta-

ção que se vê na sua saudável magreza.

De Tóquio com destino à cidade de Niko, visitámos o Santuário de Toshogu e o Templo Rino-ji. No primeiro ficámos encantados com os seus cinco pisos em laca vermelha e dourada, o Estábulo Sagrado com os "Três Macacos Sagrados" no cimo do seu portal, e o espetacular Portal do Crepúsculo com esculturas em madeira de cores garridas e variadas. É fantástico! No Templo Rino-ji rezámos com muito fervor aos 3 Budas sentados em 3 enormes cristântemos e enormes jarras com a forma de Flor de Lótus - é espetacular!

Regressados a Tóquio visitámos o templo Meiji-Shrine muito utilizado em casamentos devido à sua beleza e grandiosidade. Andámos pelas largas avenidas das lojas, umas para gente jovem e suas extravagâncias, outras com grandes marcas europeias, muito tentadoras á vista mas desmoralizantes no preço. Não vimos cafés nem esplanadas! O japonês quando viaja para fora do país é por poucos dias para não perder o ritmo do trabalho. Depois dum belo cruzeiro pelo rio Sumida dirigimo-nos ao templo Kannon entrámos pela Porta do Trovão e apreciámos os japoneses a gozarem o seu sábado no culto da sua religião, mas também nas compras e no convívio da família e amigos. São simpáticos e prestáveis embora não entendam inglês nem português...

Domingo, dia livre, vamos andar de metro! Como é óbvio os acessos são larguíssimos e limpiíssimos. Dirigimo-nos á zona dos grandes Museus de Tóquio, inseridos num amplo parque de grandes árvores, para onde se dirigiam muitos japoneses. Cumprimentam-se com vénias maiores ou menores, consoante a importância do interlocutor. Nada de beijos nem apertos de mão. Dissemos adeus a Tóquio com um ótimo cruzeiro e jantar no rio Sumida, despedida duma cidade tão grandiosa, tão moderna e tão civilizada. Despedimo-nos também de alguns companheiros que não seguiram connosco para a Coreia do Sul.

A 11 de Outubro seguimos viagem pa-

ra Seul, capital com 10 milhões de habitantes. Com os arredores, totaliza 48 milhões dos quais 11 milhões são budistas, 5 milhões católicos e 9 milhões protestantes. Escusado será dizer que o nosso «movimento» continuava a trabalhar muito bem, e na distribuição dos quartos o Ministro dos Sarilhos e seu Assessor, resolveram rapidamente e a contento das partes um sarilho iniciado. Após resolução do conflito dirigimo-nos á Torre de Seul donde se avistou um bonito panorama noturno, um bom jantar e um bolo coreano de parabéns, para grande e boa surpresa minha. Constatei que os diversos ministérios trabalharam muito bem, sem fugas de informação.

No dia seguinte avistámos o Palácio Real inserido num amplo parque formado por 5 grandes Palácios, o que não é de admirar, pois o Imperador vivia com 600 concubinas (criadas) e 300 eunucos. Estes tinham as suas casas fora do Palácio e tinham filhos adotivos. O Imperador e sua mulher dormiam no chão, porque o aquecimento vinha de lá. Ainda hoje muitos coreanos não dormem em camas. São todos magros devido ao pouco sal, pouco açúcar e pouca batata. Muitos vegetais e arroz.

Fizemos um cruzeiro no rio Han (Rio Grande), 27 pontes numa extensão de não mais de 30 km. Estamos no país da contrafação, dá para discutir preços, de lá trouxemos umas «marcas» por bom preço. Com guarda-roupa e acessórios novos, iniciámos viagem até ao museu budista Mok com muitas esculturas em madeira, bem esculpidas e pintadas com cores vivas.

Por boas auto-estradas, ladeadas por montes cobertos de árvores e vales de arroz, na proporção de 44% das primeiras para 21% dos segundos, estufas de chá e vegetais, chegámos a Yongin onde se encontra o museu Folk. Como o nome indica, fala-nos dos costumes e tradições antigas, modos de cultivar, artesanato, danças e punições a quem cometer falhas e crimes. Aproveitámos para exercer torturas a alguns dos nossos amigos de viagem.

Porque era começo de aulas, o tempo

ameno, havia muitas crianças e adolescentes visitando museus, templos e parques, em animado convívio. Pastas alinhadas, tomando notas do que viram, com os seus caracteres, para nós tão difíceis de desenhar, para eles tão fáceis e rápidos a escrever.

A explosão do desenvolvimento da Coreia vem desde 1950, havendo uma aceleração a partir dos Jogos Olímpicos de 1980, sendo hoje considerada 13ª potência mundial. Em educação está á frente do Japão. Os

coreanos são feios, cara larga e olhos tão pequenos que por vezes parecem fendas. Reparámos também que há muitas crianças com óculos, o que indicia um despiste precoce da visão. Pensou-se que poderia haver defeitos congénitos a resolver.

Com estas congeminações, feitos 600km para sul, chegámos á cidade Gyeongju. Uma manhã de sol radioso, levou-nos ao grande Templo Punhwangsa, rodeado por uma enorme mata, já com tons de Outono. Seguimos

para o Parque Tumuli com 150 túmulos, montes recobertos de relva que serviam de última morada a grandes generais e grandes figuras do país. Fomos almoçar a um lindo restaurante, cujo nome não digo, porque se chamava "La Puta", sobranceiro a um lago com repuxo... senti-me na Suíça!

A 16 de Outubro chegámos felizes desta bela viagem, divertida, animada, com um programa de governo debaixo do braço... e prontas a intervir!!!

Cá Dentro

# PASSEIO DO OUTONO

## COIMBRA, CASTELO BRANCO E ARREDORES

de 6 a 9 de Novembro de 2010

*Maria Isabel Soares da Costa*

Como acontece em todos os passeios que se realizam no interior de Portugal, reuniu-se nas traseiras da Reitoria da Cidade Universitária um grupo de participantes (43 que fariam o passeio completo e mais 4 que só iriam a Coimbra) e, à hora prevista, o grupo partiu para um convívio de 4 dias, com destino ao Centro de Portugal, mas com início em Coimbra, a fim de assistir às comemorações do Dia do Antigo Estudante. O almoço teve lugar já em Coimbra, no Hotel D. Inês e seguimos depois para a Universidade, onde tivemos oportunidade de visitar a Torre já restaurada, a Biblioteca Joanina e os Cárceres, onde foram dadas interessantes e por-

menorizadas explicações acerca dos mesmos e onde visitámos uma exposição de livros antigos. Seguiu-se a fotografia do grupo, a missa na Capela da Universidade e os cumprimentos ao Magnífico Reitor (que em breve irá ser substituído). Após um período de tempo livre, seguimos para o local onde iríamos jantar – o Museu de Antropologia. Seria de esperar que tudo iria correr normalmente, pois o jantar estava marcado para as 20,30 horas, mas os atrasos começaram e foram sendo cada vez maiores. A entrega dos prémios à Excelência teve lugar ao ar livre, nos jardins do Museu, com uma noite gélida. Seguiu-se a actuação, também

ao ar livre, de uma Tuna Académica, foram servidos alguns aperitivos para entreter o tempo e o jantar apenas teve início pelas 23 horas. No final do jantar, actuou um grupo de fados de Coimbra, mas muitas pessoas já se tinham ido embora, porque a noite ia avançada. Enfim, as coisas não correram muito bem!

Porém, os três dias que se seguiram foram bem melhores.

No segundo dia, saímos de Coimbra pelas 10 horas, o que foi mais que justificado, depois da noite da véspera! Como a passagem por Góis não era muito aconselhável, pois informaram-nos que a estrada era difícil, com muitas curvas e isso iria





atrasar a nossa chegada à Sertã, seguimos directamente para esta localidade e aqui pudemos desfrutar de um almoço excelente no Restaurante "Ponte Velha". Foi aqui que tivemos conhecimento que tinha falecido o pai da nossa colega Milú Pombo, que deu todo o seu entusiasmo à organização deste passeio e que, por esse motivo, não nos pôde acompanhar, tendo o seu marido Mário Pombo, sendo de uma dedicação extraordinária, pois deixou os seus compromissos para nos acompanhar. Após o almoço, seguimos para Castelo Branco, onde visitámos a parte histórica, com as suas ruas estreitinhas, observámos as casas senhoriais com as suas janelas de guilhotina e admirámos os seus arcos de pedra. Visitámos o Museu de Cargaleiro, que está acolhido, desde Setembro de 2005, no Solar dos Cavaleiros, uma construção de estilo Barroco, que serviu também como sede do Asilo Distrital da Infância Desvalida e aqui admirámos muitos aspectos da obra deste nosso pintor. Em seguida, visitámos o Jardim do Paço, com o seu Lago das Co-

roas, as suas inúmeras estátuas de Reis, Bispos, continentes, elementos, virtudes, etc. O jantar e o alojamento tiveram lugar no Hotel Colina do Castelo, um estabelecimento hoteleiro de bom nível, com uma vista magnífica sobre a cidade.

No terceiro dia do passeio e debaixo de uma chuva miudinha continuámos para Idanha-a-Velha e aqui visitámos a Igreja, o Lagar transformado em Museu, com os adufes, as marafonas (bonecas que eram colocadas debaixo da cama dos noivos no dia do casamento e que não tinham olhos, nem ouvidos, nem boca), os teares. Aqui também visitámos o Fórum Cultural. Em Idanha-a-Nova almoçámos no Restaurante Helana e, em seguida, tivemos uma visita guiada a Castelo Novo. Porém, não fomos a Monfortinho, porque não houve tempo para o fazer. É que nesta altura do ano, os dias já são curtos e, à noite, não se consegue ver nada. Regressámos a Castelo Branco, desta vez para jantar no Restaurante Quinta da Bigorna, onde nos esperava uma surpresa: a actuação de uma

Tuna muito divertida e animada.

O último dia do nosso passeio iniciou-se com a visita à Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (AP-PACDM), do qual é Presidente a Milú Pombo, que, logo após o funeral do pai e evidenciando um grande espírito de sacrifício e um enorme domínio dos seus sentimentos, foi ter connosco, pois não quis deixar de estar presente para nos acompanhar na visita à Instituição. Aqui apreciámos todo o trabalho desenvolvido em prol de todos aqueles que nasceram "diferentes". É uma obra notável, que a todos comoveu.

Tivemos também contacto com a cultura do bicho-da-seda, com o seu ciclo biológico, desde o acasalamento, a postura dos ovos, o nascimento, o crescimento, a construção do casulo e a saída da borboleta. Observámos os vários tratamentos por que passam os casulos até à extracção da seda, que depois é utilizada para as mais diversas finalidades. No final da visita pudemos efectuar algumas compras, não apenas de objectos fei-

tos pelos alunos da Instituição, mas também de artigos feitos em seda e de produtos da quinta, como azeite, jeropiga e ginjinha. Em seguida, fomos oferecido um almoço na Quinta (Quinta da Carapalha), após o qual foi entregue a cada participante uma lembrança da sua passagem pela Quinta (um saquinho com 3 miniaturas dos produtos que aí se fabricam). A nossa Presidente da Direcção ofereceu, por sua vez, um cheque à Instituição.

Sentiamo-nos bem na Quinta, mas havia um programa para cumprir e, assim, tivemos de partir para uma visita guiada ao Museu Tavares Proença, onde pudemos apreciar as maravilhas saídas das mãos de várias bordadeiras, que nos mostraram os seus belíssimos trabalhos. Apreciámos peças interessantíssimas, entre as quais umas lindíssimas colchas de Castelo Branco, bordadas a seda, algumas já com alguns séculos de existência. Este Museu tem objectos muito va-

riados, sendo muito interessante, por exemplo, uma exposição de máquinas fotográficas, desde a máquina "à la minute", à máquina "Relleicord" (com duas objectivas) e terminando com a mais moderna Nikon. Foi o fechar com chave de ouro de um passeio cujo início não se tinha mostrado muito auspicioso. Mas, como sempre, valeu a pena, pelo convívio com os colegas, pela saudável camaradagem e pela amizade que todos temos uns pelos outros.

## A VOZ DA FILANTRÓPICA

Sem prejuízo das permanentes intervenções junto dos Associados em conhecida situação de doença, das felicitações pelos aniversários ocorridos em cada mês, das manifestações de condolências pela perda de familiares, lançou-se uma nova "campanha" de solidariedade, através de um questionário, para efeitos de:

- 1º - ajudar na deslocação/transporte para os nossos convívios aqueles que manifestem dificuldade para tal;
- 2º - ir ao encontro dos interesses de cada um em matéria de leitura, criando uma pequena biblioteca "itinerante".

A acção conjunta com maior adesão (65 participantes) foi o "Magusto do S. Martinho", onde se conjugaram alimentos para o corpo e para a alma, em música e poesia, como esta, da autoria do nosso colaborador Sr. Campos:

## OUTONO

Ah!... Maravilha?  
 Esta melancolia imensamente Calma,  
 A evolir diáfora  
 No aroma húmido do Vento!  
 Estas ramagens dum castanho silencioso...  
 pairando docemente sobre a Terra macia,  
 pegadas de solitárias folhas amarelecidas.  
 Esta claridade Suavemente Còsmica  
 a impregnar o cinzento da noite Calada!...  
 O Mar Transfigurado, Suspira longamente,  
 no ameno marulhar das ondas sussurrantes!...  
 Ao longe...  
 Paira uma música maravilhosa!  
 Não de trombetas ou clarins vibrantes,  
 Mas de harpas dum subtil som cristalino!...  
 Numa canção longorosamente bela...  
 como airosamente e belo  
 É esta repousante Estação dos POEMAS!

Florêncio Campos

## VISITAS LOCAIS

No dia 20 de Outubro, visita ao MUDE (Museu de Design e da Moda), à Exposição Permanente do Museu, na Rua Augusta, nº 24.

Dia 30 de Novembro, visita ao Museu Nacional de Arte Antiga (na Rua das Janelas Verdes), à exposição temporária "Os Primitivos Portugueses (1450-1550) - O Século de Nuno Gonçalves"

As visitas decorreram normalmente, com agrado para os diversos participantes. Registamos o nosso agradecimento aos guias que nos acompanharam, pela sua disponibilidade e pela capacidade explicativa demonstrada.





# JOÃO GABRIEL SILVA

## FOI ELEITO E INVESTIDO REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Coimbra, Paço das Escolas, 1 de Março de 2011

João Gabriel foi recentemente eleito Reitor pelo Conselho Geral da Universidade de Coimbra (UC). Foi investido no cargo no passado dia 1 de Março, em cerimónia na Sala dos Capelos. A investidura foi-lhe conferida pelo Professor Decano da Universidade, Sebastião Formosinho, também da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCTUC), terminando a cerimónia com o primeiro discurso do Reitor.

Usou ainda da palavra o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Eduardo Melo. No final da cerimónia tomaram posse, na Sala do Senado, os novos Vice-Reitores, entre os quais se manteve Henrique Madeira, que detinha o Pelouro de relacionamento com os Antigos Estudantes. Reiteramos os nossos Parabéns e votos de excelente mandato.

### Dados Biográficos

João Gabriel Monteiro de Carvalho e Silva nasceu a 27 de Junho de 1957 em Pombal. Completou em 1980 a licenciatura em Engenharia Electrotécnica na FCTUC e obteve o grau de Doutor em Ciências de Engenharia, especialidade de Informática, em 1988. É Professor Catedrático da FCTUC e foi membro fundador do Centro de Informática e Sistemas da UC. É Director daquela Faculdade desde 2009, tendo antes desempenhado o cargo de Presidente do Conselho Directivo. Foi ainda membro do Conselho Geral da UC entre 2008 e 2009.

### Discurso

A forma de escolha dos Reitores da Universidade de Coimbra variou ao longo dos tempos. Mas fixou-se a tradição de ser aqui, nesta Sala (um dos espaços mais nobres de Portugal), diante dos professores, estudantes e funcionários, que cada novo Reitor é investido pelo Professor Decano nas suas funções e se dirige, pela primeira vez nessa qualidade, à comunidade universitária. É essa a tradição e está muito bem assim.

Senhor Professor Sebastião Formosinho,  
Decano da Universidade de Coimbra  
Senhor Presidente do Conselho Geral  
Senhor Presidente do Tribunal Constitucional  
Senhor Conselheiro da Embaixada da Federação Russa em Lisboa  
Senhor Secretário Executivo da CPLP  
Senhor Director-Geral do Ensino Superior  
Senhor Presidente da Câmara Municipal de Coimbra  
Digníssimas Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas  
Senhores Membros do Conselho Geral  
Senhores Membros do Senado  
Senhores Reitores e Vice-Reitores  
Senhor Presidente da Associação Académica  
Senhores Doutores  
Caros Estudantes  
Senhores Funcionários,  
Minhas Senhoras e meus Senhores

Na sequência da eleição para Reitor pelo Conselho Geral da Universidade de

Coimbra, cuja confiança agradeço, desejo que as minhas primeiras palavras sejam de saudação.

Saúdo, em primeiro lugar, o Reitor que agora cessa funções, o Doutor Fernando Seabra Santos. No termo de mais de doze anos de trabalho ao serviço da Universidade de Coimbra, oito dos quais como Reitor, anos dos mais difíceis que a Universidade já conheceu, é o momento de reconhecer a imensa obra que realizou, a abertura à sociedade, as iniciativas inovadoras, o combate constante em defesa da Universidade.

Combate lúcido e abnegado que, algumas vezes, foi até ao limite das suas possibilidades físicas. A obra que realizou deixa rasto e tenho a certeza de que vamos sentir os seus efeitos por longos anos.

Tive muitas oportunidades de trabalhar com o Doutor Fernando Seabra Santos, de o acompanhar de perto, e é parte importante da honra que hoje sinto saber que recebo o testemunho das suas mãos. A Universidade de Coimbra tem de saber ser grata, e ninguém hoje merece gratidão maior do que o Doutor Fernando Seabra Santos.

Neste agradecimento incluo toda a equipa de vice-reitores e pró-reitores que com ele trabalharam. Nesta circunstância, porém, quero destacar os dois vice-reitores "totalistas", que serviram a Universidade ao longo de dois mandatos completos.

O Doutor António Gomes Martins teve a seu cargo pelouros muito pesados, que administrou sempre com a mesma sere-

nidade e disponibilidade. A estreita colaboração que mantivemos nos últimos dois anos, com vista à construção do novo Centro de Serviços Comuns da Universidade, foi mais uma ocasião, para mim, de confirmar as qualidades que toda a comunidade académica lhe reconhece: a sua competência, o seu rigor, a sua ilimitada dedicação.

À Doutora Cristina Robalo Cordeiro de-sejo dirigir uma palavra especial. Se nos encontrámos muitas vezes ao longo dos oito anos do seu trabalho intenso e valioso como vice-reitora, tivemos um encontro diferente nos últimos meses. Disponibilizar-se para dirigir uma instituição é, desde logo, uma forma de a servir. O entusiasmo e a vivacidade que lhe conhecemos e que tão notoriamente imprimiu à sua candidatura ao lugar de Reitor valorizaram o processo eleitoral. Por isso devemos estar-lhe agradecidos, como eu pessoalmente estou.

Agradeço ao Doutor Sebastião Formosinho, Professor Decano, as palavras que proferiu.

Os nossos caminhos cruzaram-se com frequência no passado e é-me muito grato receber a investidura no cargo de Reitor de um académico da sua estirpe, eminente cientista e homem de cultura.

Agradeço também as palavras do senhor presidente da Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra, a maior e mais antiga associação estudantil do país, que tem um papel relevantíssimo na cultura, no desporto e na congregação dos estudantes em múltiplas atividades. Através dele saúdo todos os estudantes, razão primeira de ser desta Escola. Não tenho dúvidas acerca de uma coisa: saberemos convergir em torno do interesse supremo da Universidade.

Cumprimento muito respeitosamente os antigos Reitores da Universidade de Coimbra, Doutores Rui de Alarcão e Fernando Rebelo, protagonistas ilustres de um serviço que a Universidade não esquece.

Saúdo os professores e investigadores, descobridores e guardiões dos saberes que cultivamos e motor fundamental da instituição.

Saúdo os funcionários da Universidade, suportes, tantas vezes escondidos, do quotidiano da nossa Academia e execu-

tores competentes de decisões difíceis.

Agradeço, finalmente, a todos os que assistem a esta cerimónia, honrando-me com a sua presença.

No momento atual, as universidades públicas vivem, com urgência quase sufocante, a pressão da situação financeira do país. Todos o sabem, e eu seria irresponsável se não prestasse a maior atenção à escassez de recursos e à necessidade de os gerir com o maior rigor.

Mas gostaria de deixar a todos uma mensagem de esperança num momento e numa circunstância que muitos veem com apreensão e, em alguns casos, até revolta. Cada novo Reitor traz a sua palavra à Universidade. A sua palavra de compromisso, a sua palavra programática, a sua palavra de incentivo. A estas quero acrescentar uma palavra simples mas necessária em tempos sombrios: o otimismo.

Apesar das dificuldades que o país atravessa, vejo razões para ser otimista quanto ao futuro da Universidade de Coimbra: pela qualidade e dinamismo dos seus professores e investigadores, pela energia e trabalho dos seus estudantes, pela dedicação dos seus funcionários. Acredito profundamente na Universidade de Coimbra e na continuidade da sua missão cultural e intelectual.

Essa missão cumpre-se hoje num ambiente legislativo e regulatório muito diferente do de há cinco anos. O decreto de Bolonha, o Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior, o novo Estatuto da Carreira Docente Universitária, a nova Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior alteraram de forma radical o contexto em que nos movemos, sendo ainda cedo para avaliar em toda a sua extensão os efeitos acumulados de tantas mudanças.

O maior desafio, no entanto, vem do exterior do país. O Espaço Europeu do Ensino Superior e o Espaço Europeu de Investigação são realidades cada vez mais presentes. O reconhecimento automático de diplomas no espaço de Bolonha está consolidado.

Muitos candidatos já olham para a Europa como o seu espaço de escolha. A saída crescente de portugueses para estudar no estrangeiro é uma tendência po-

sitiva, pelo que representa de integração de Portugal neste mundo globalizado, onde não há lugar para isolamentos. A Universidade de Coimbra tem de alinhar os seus patamares de exigência pelos melhores padrões internacionais, ganhar um lugar de relevo neste espaço europeu, e atrair um fluxo de bons estudantes estrangeiros que venham obter um grau em Coimbra. É um desafio que nunca enfrentámos antes e que, vencido, nos garantirá uma posição saliente no mundo. Somos a universidade portuguesa melhor colocada para o conseguir, pois somos conhecidos muito para além das fronteiras do país.

A Universidade de Coimbra, perante todas estas mudanças, nomeadamente as relativas à governação universitária, procurou tomar opções prudentes e equilibradas. Nos novos Estatutos da Universidade fez-se um esforço para encontrar soluções que conciliem a necessidade de governo universitário eficaz com os valores da participação e da colegialidade.

Acredito no valor da colegialidade universitária exercida em ambiente de responsabilização. Tenho para mim que se trata de um valor que, contribuindo para a qualidade das decisões, se revela indispensável também para a coesão da Universidade de Coimbra, que, tradicionalmente, constitui uma das nossas forças mais relevantes.

Tive oportunidade de discutir o meu programa de candidatura ao cargo de Reitor em diversas sessões abertas a toda a comunidade universitária, mas quero aqui recordar algumas das suas ideias centrais. Classifiquei a Universidade de Coimbra como um "espaço de saber e iniciativa". A missão do saber é a missão clássica, a da criação e transmissão do conhecimento.

O acesso ao conhecimento e à disciplina mental a ele associada é o que os estudantes vêm procurar na Universidade. Tal acesso implica esforço intelectual contínuo, que por sua vez exige condições de trabalho dignas, desde os recursos bibliográficos e laboratoriais às próprias instalações físicas. Exige professores que saibam trazer os estudantes aos níveis mais avançados em cada área. E exige também organização por parte da Uni-





versidade, cumprimento de regras, respeito pelos direitos de quem aprende.

Estarei atento à melhoria contínua da Universidade em todos estes aspectos.

A criação de conhecimento, seja investigação científica ou produção cultural, está no cerne da Universidade que queremos ser. A constante indagação, o querer saber mais e compreender melhor, são centrais na missão dos professores e investigadores. O que a Universidade tem de lhes proporcionar não pode ser conforto, mas sim tempo, o tempo da reflexão cuidada que alarga os horizontes. Temos que dar passos significativos no sentido de reforçar o acesso ao bem precioso que é o tempo, certos de que esse reforço se traduzirá numa melhoria importante de resultados obtidos.

A terceira missão das universidades, a transferência direta de conhecimento para o tecido económico e social, atinge atualmente um peso similar às outras duas, o ensino e a investigação. A esperança de um desenvolvimento para Portugal que nos retire da crise em que estamos mergulhados reside no conhecimento avançado, em larga medida presente nas Universidades. Lideramos o panorama nacional na área do empreendedorismo, através do Instituto Pedro Nunes, que aqui quero saudar, sendo o desafio agora ganhar escala. Acredito que a Universidade de Coimbra tem capacidade para ter um papel motor no desenvolvimento cultural, social, económico e político de Portugal. Temos o conhecimento, devemos assumir a responsabilidade de o colocar ao serviço do país.

A segunda palavra do meu mote, a iniciativa, identifica a fonte da energia necessária para a Universidade de Coimbra responder ao desafio da globalização. Acredito que essa energia existe e vou trabalhar para a mobilizar. A UC tem de ser um espaço muito acolhedor para a iniciativa criativa de todos os universitários; o meu sonho é que estes sintam que a UC é o local certo para pensar o mundo, que é o local certo para mudar o mundo.

Preocupa-me a renovação geracional da Universidade. Trabalharei para definir uma política de recrutamento de jovens doutorados de grande qualidade, que serão o futuro da instituição.

Vejo com grande preocupação os problemas com que se depara o apoio social aos estudantes. Nada simboliza mais fortemente a promessa de igualdade de oportunidades de uma sociedade democrática do que a possibilidade de aceder ao ensino superior.

Quem tem mérito e capacidade para frequentar a Universidade de Coimbra não pode ser afastado pela sua condição financeira. É questão que seguirei com o maior cuidado.

Todo este trabalho será feito com grande proximidade às Faculdades e às novas Unidades Orgânicas de ensino e investigação, portadoras dos saberes que a Universidade cultiva. Valorizarei o Senado, órgão de coesão universitária por excelência, em boa hora consagrado nos Estatutos. Trabalharei intensamente com o Conselho Geral, em particular na definição das melhores orientações estratégicas que garantam o pleno desenvolvimento da Universidade.

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, cuja presença aqui hoje agradeço em especial, manifesto a minha disponibilidade para uma colaboração entre a Universidade e a Câmara, em áreas de interesse comum (e tantas são), de que possam resultar benefícios para a comunidade que ambos servimos. Há todas as razões para que as disputas entre universitários e futricas sejam remetidas para os livros de História. E essa superação, que ardentemente desejo, não se fica apenas a dever ao facto de o atual Presidente da Câmara ser docente desta casa. A verdade é que só com um profundo trabalho conjunto entre a Universidade e a Câmara Municipal será possível que Coimbra ganhe um lugar na aldeia global em que o mundo se tornou.

Ao Senhor Presidente do Conselho de Administração dos Hospitais da Universidade de Coimbra quero manifestar igual abertura e empenho. Um trabalho conjunto mais forte entre a Universidade e os HUC é do maior interesse para todos. Também nesta vertente

se impõe que Coimbra ganhe o lugar de referência na Europa de que necessita e que amplamente merece.

Para me auxiliar nas pesadas tarefas que me esperam, conto com uma forte equipa

de colegas que aceitaram acompanhar-me. Constituí-a após a eleição reitoral, depois de pensar nos pelouros a preencher e no perfil adequado a cada um.

Serão desde já oito Vice-Reitores, que se dedicarão em pleno ao seu trabalho. Quis uma equipa jovem e dinâmica; mas, ao mesmo tempo, procurei encontrar pessoas detentoras de experiência nas áreas em que vão trabalhar.

O Doutor Amílcar Falcão terá a seu cargo a Investigação e os 3.ºs ciclos; a Doutora Helena Freitas as Relações Institucionais; o Doutor Henrique Madeira a Inovação, Recursos Humanos e Novos Públicos; a Doutora Madalena Alarcão a Pedagogia e os 1.ºs e 2.ºs ciclos; o Doutor Vítor Murtinho as Instalações; o Doutor Joaquim Ramos de Carvalho as Relações Internacionais; a Doutora Margarida Mano o Planeamento e as Finanças; e a Doutora Clara Almeida Santos a Cultura e a Comunicação.

A todos quero exprimir o meu profundo agradecimento por partilharem comigo este desafio que nos entusiasma.

Senhor Professor Sebastião Formosinho,  
Decano da Universidade de Coimbra  
Senhor Presidente do Conselho Geral  
Senhor Presidente do Tribunal Constitucional  
Senhor Conselheiro da Embaixada da Federação Russa em Lisboa

Senhor Secretário Executivo da CPLP  
Senhor Diretor-Geral do Ensino Superior  
Senhor Presidente da Câmara Municipal de Coimbra

Digníssimas Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas

Senhores Membros do Conselho Geral  
Senhores Membros do Senado  
Senhores Reitores e Vice-Reitores  
Senhor Presidente da Associação Académica  
Senhores Doutores

Caros Estudantes  
Senhores Funcionários,  
Minhas Senhoras e meus Senhores

Como disse no início, é este, como sempre foi, o local certo para o Reitor ser investido nas suas funções. É para mim uma honra e um privilégio imenso poder servir a Universidade de Coimbra. E simbolicamente começar a servi-la, neste cargo, no exato dia em que completa 721 anos de existência.



# HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS



*Eduíno junto à Placa, com o seu poema*

A homenagem pública a Eduíno de Jesus, promovida conjuntamente pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, Casa dos Açores e Casa da Académica em Lisboa, decorreu no passado dia 18 de Setembro em Coimbra com o descerramento de uma placa alusiva, no jardim do Penedo da Saudade, pelo Presidente da DG da AAC, Miguel Portugal e pelo Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, Henrique Madeira. Compareceram ainda inúmeros amigos e colegas, incluindo um autocarro de pessoas que se deslocaram expressamente de Lisboa.

A cerimónia teve início no mítico Penedo da Saudade com as palavras da Vereado-

ra da Câmara Municipal de Coimbra, também antiga estudante da Faculdade de Letras da UC, que nas suas palavras enalteceu o lugar escolhido e a sua história, para enquadrar a homenagem gravada na placa descerrada, com o poema "Oração em Santa Clara a Nova".

Gustavo Cerdeira usou da palavra para enquadrar a homenagem. Seguiram-se as palavras fortes, sentidas e a leitura de um poema na voz sempre bem colocada do Carlos Carranca.

Eduíno de Jesus, que estava também acompanhado da sua mulher Hélia e família, usou da palavra para agradecer a distinção perpetuada com a placa colocada no Penedo, lugar onde são perpe-

tuados os maiores cultores do espírito coimbrão.

Para terminar este primeiro momento actuou o grupo Porta Férrea, composto pelo Teotónio Xavier e João Reis nas guitarras, Fernando Soares da Costa e António Toscano nas violas. Cantaram o Alcindo Costa, Camacho Vieira...

Em seguida, já no restaurante e após o almoço, usaram da palavra os presidentes das entidades organizadoras, Fátima Lencastre e Joaquim Couto, para enaltecer o significado do momento, dignificado também com as diversas presenças, e as eméritas qualidades do homenageado, com destaque para o seu elevado conhecimento e a capacidade de o disseminar.



## Miguel Loureiro Registou:

No uso da palavra, e num breve improviso, Miguel Loureiro, Presidente da Direcção da Casa dos Açores, começou por agradecer o convite que lhe havia sido dirigido pela AAACL para integrar a Comissão promotora da homenagem a Eduino de Jesus, circunstância que lhe dava a oportunidade de, em nome da Instituição que representa e em nome pessoal, reafirmar publicamente o enorme apreço que lhe suscita a figura do homenageado.

Referiu que ao longo dos últimos 30 anos Eduino de Jesus tem mantido com a Casa dos Açores, e em proveito desta, uma relação forte e permanente integrando sucessivos elencos directivos, os três últimos como Presidente da Direcção, e sempre com a responsabilidade do peloiro cultural. Nesse contexto, afirmou que a Eduino de Jesus se deve a concepção do figurino da programação de acti-

vidades que, com êxito reconhecido, muito tem contribuído para que a Casa dos Açores venha atingindo os seus principais objectivos, que se traduzem na defesa dos interesses dos Açores, na divulgação da sua cultura e na promoção dos autores açorianos, seja nos campos da criação literária ou artística. Acrescentou, ainda, que "a melhor maneira de a Casa dos Açores homenagear Eduino de Jesus e expressar-lhe o seu reconhecimento é afirmar-lhe, a ele que é o seu actual Presidente da Assembleia Geral, que a sua obra e o seu empenhamento continuarão a ser, para nós, marcas norteadoras da nossa acção".

A terminar, o Presidente da Casa dos Açores deixou a seguinte nota, que, atendendo à circunstância, e, nas suas palavras, lhe era suscitada pela sua própria condição de açoriano orgulhoso das figuras relevantes que aquelas Ilhas têm dado ao País nos mais diversos domínios,

e de uma forma particular no da criação literária, em que pontificam nomes como os de Antero, Natália, Nemésio, Roberto de Mesquita, Emanuel Félix, entre outros: "A importância de Eduino de Jesus para a Casa dos Açores tem sido determinante; no entanto, a sua importância está muito para além disso. Todos temos a consciência de que falar dele é falar de uma figura relevante da cultura portuguesa cuja obra, sobretudo poética, mas também nos campos da ensaística, da dramaturgia e da crítica de arte e literária, justificam a sua inclusão no Quadro de Honra que comporta os nomes que atrás mencionei" e acrescentou, por fim, que a presença do Director Regional da Cultura, Dr. Jorge Paulus Bruno, que se deslocara propositadamente dos Açores para se associar à homenagem, constituía a prova evidente do apreço com que a Região Autónoma dos Açores avalia a figura e a obra de Eduino de Jesus.

# CARLOS CARRANCA

## HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS"

### - "LONGOS TERÃO SIDO OS SERÕES NA ILHA"

Texto retirado do "blog"

Texto lido na sessão de Homenagem a Eduino de Jesus, no Penedo da Saudade a 18.IX.2010

Longos terão sido os serões da Ilha. E porquê?

Porque ficaram fundo, silenciosos, impressivos, nas palavras de Eduino. Amararam-nos a um Cais de saudade. As palavras tiranizam-nos a um destino onde acenam lenços brancos, silenciosos, de mãos ausentes: Adeuses ao "único passageiro do navio", "cansado/ da vida / e agarrado / à vida / como um menino abraçado / a um brinquedo partido".

E a bruma descendo sobre as pessoas e as coisas, os lugares; o gesto sonolento do seu braço dizendo adeus.

Ao outro lado da vida, ao outro lado do imaginário, chegará o poeta franzino,

o das noites longas de S. Miguel.

Poeta da ínsula dos fantasmas, não traz uma doutrina nos versos que escreve, há nele um sem abrigo, um marginal sem margens, um poeta da remota fundação de Portugal.

Aportou no Choupalinho e dali, sem que alguém o tivesse notado, ergueu o braço onde há pouco repousava o brinquedo partido e, virado para Santa Clara-a-Velha, exclamou:

"Isabel, trago-te estas rosas"

E desde aí, não se cansou de ser o "aventureiro astral", "sem medo de chegar tarde / ao destino".

Longos terão sido os serões do continente. Lorvão e o inverno chuvoso de Coimbra na margem direita desse rio de salgueiros.

Havia os campos do Mondego onde, também, era visível o invisível. Deixara para trás a Ilha. Ganhara, agora, o quotidiano remanso de uma Coimbra saudosa de si mesma e fustigada pelos ventos benfazejos das ideias novas.

Mas o menino perdera o brinquedo. As rosas, essas, havia-as ofertado a quem lhes pertencia por direito. O brinquedo, quem o teria achado? Que fazer? "Deixar tudo / e seguir no rasto / de um sonho".

E se assim o disse, melhor o fez:

Por isso, aqui estamos nós a olhar na pedra saudosa deste Penedo de Coimbra, uma réstia do sonho de quem não traiu nem se traiu, cumprindo o seu destino luminoso de bruma.

Monte Estoril 5-IX-2010



DG AAC e Vice-Reitor descerraram a Placa

EDUINO,  
o seu Poema  
"ORAÇÃO  
EM SANTA CLARA A NOVA"  
de tão rara inspiração  
e tanta sensibilidade,  
merece estar presente  
no PENEDO DA SAUDADE.

Será nesse espaço mítico  
e em lugar cativo  
que ele irá repousar...  
SEMPRE VIVO.

Por esse motivo  
todos vão reconhecer,  
tarde ou cedo,  
que são dignos um do outro  
O POEMA E O PENEDO.

Coimbra, 18.09.2010  
Gustavo Cerdeira

## Mensagem lida pelo Vice-Reitor e escrita por Onésimo Teotónio de Almeida:

*Providence, 17 de Setembro de 2010*

Cara amiga Fátima:

Escrevo-lhe a pedir boleia para Coimbra na sua mala. As malas das senhoras são sempre um universo de objectos e realidades misteriosas e, como universo, não têm fim nem fundo. Por isso me atrevo a pedir-lhe que nela me leve virtualmente através desta mensagem que peço leia no almoço, se houver espaço e a festa não tiver desandado em festança, com baile e tudo, e ninguém estiver mais para ouvir discursos.

Na verdade, não tenho nada a dizer sobre o nosso querido Eduíno que os presentes não saibam, ou que eu já não tenha posto no livro de homenagem a ele que coordenei com a minha mulher. Vocês sabem que o Eduíno é um Penedo de Sabedoria e eu só não estico a metáfora para lhe chamar um Penedo de Poesia porque não soaria

## CARLOS COUCEIRO À SUA MEMÓRIA

É com muita saudade que recordo os regulares convívios musicais na sua casa de Lisboa, sempre aberta a quem quizesse confraternizar, e onde, nos intervalos dos nossos ensaios do "Porta Férrea", se trocavam conversas, ora lúdicas ora mais sérias, e ele nos contava estórias formidáveis da sua vida.

Vindo do Lobito e instalado, por meados da década de 40, para estudos liceais e preparatórios de Engenharia, em Coimbra – cidade que moldou e acentuou o seu espírito convivial e fraterno – aí deixou bem vincada uma presença nas artes do futebol, da guitarra, da boémia académica, mas também no culto primordial do saber, nomeadamente, das matemáticas e filosofias, áreas em que era seu confessor mentor espiritual, Bertrand Russell. Completado o curso no Porto, casado e pai de dois filhos, trilha o que vem a ser uma agitada peregrinação profissional, iniciada em Angola, sua matriz e do seu coração, continuada em penosas passagens por terras do Médio Oriente, e terminada com reconhecido brilho em Portugal.

De figura miúda, fina e elegante, inteligente e culto era uma personalidade singular, pragmática mas, mais ainda, idealista.

As suas incursões pela Poesia reflectem uma apurada sensibilidade e um profundo "pensar a vida" deste companheiro sábio e tolerante.

Tive o privilégio de melhor o conhecer em digressões por terras de Portugal e prolongadas por Angola, Canadá e Brasil. Pelo seu passado como cidadão e elemento marcante da Academia de Coimbra, pela sua afectuosa ligação à A.A.E.C.L., importa registar que a Associação, na última e muito participada Festa de Natal num hotel de Lisboa, elegeu a sua memória para lhe tributar uma justa homenagem, que culminou com sentida e vibrante actuação do Grupo Porta Férrea, que ele fundou, juntando companheiros que além da música cultivavam a amizade.

Retrato incompleto é, porém, o que soube fazer deste amigo querido para uma folha do "Capa e Batina" da nossa Associação.

*António Toscano  
Cascais, 6 de Abril de 2011*

bem, pois ele até é tão fofinho no trato civilizado à século XIX que seria uma afronta dizer isso do seu imensamente suave domínio do verbo e do verso.

Não quero enfadar mais e por isso não vou enfadar mais linhas. Quero só estar presente com este abraço que lhe peço o favor de levar também de boleia.

E guarde um para si, a quem fico deveras grato por mais este amável favor.

*Onésimo*



Mesa de Honra no almoço em Santa a Clara



Como de costume apresentamos alguns dos blogues que mereceram destaque no tratamento de temas académicos. Fica a chamada de atenção e o convite para os visitarem demoradamente.

## 90.º Aniversário da Tomada da Bastilha Taça de Portugal de 1939 subiu ao palco do Casino Estoril

<http://www.acabra.net/artigos/taa-de-portugal-de-1939-subiu-ao-palco-do-casino-estoril> – 21 | NOV | 10 – DOMINGO



Antigos estudantes da Universidade de Coimbra estão, esta noite, reunidos no Casino Estoril para comemorar os 90 anos da Tomada da Bastilha  
No palco do Salão Preto e Prata, a Taça de

Portugal de 1939 recordou aos presentes um dos momentos mais importantes da AAC Foto por Rafaela Carvalho

Por esta altura, decorre ainda a gala do 90.º Aniversário da Tomada da Bastilha.

O Casino Estoril, em Lisboa, recebe a visita de centenas de antigos estudantes de Coimbra num evento que homenageia a Associação Académica de Coimbra (AAC) e antigos presidentes.

Há poucos minutos, a Taça de Portugal de

1939 subiu ao palco do Salão Preto e Prata, em memória à maior conquista desportiva na história da instituição, num momento ainda marcado pela apresentação do Troféu Olímpico.

Noventa anos depois, Coimbra e Lisboa recordam o assalto dos estudantes da Academia ao piso superior do Colégio de São Paulo, no dia 25 de Novembro de 1920.

\*Artigo escrito em colaboração com a Rede de Antigos Estudantes da UC

## Rui Lopes Fotos

<http://ruilopesfotos.blogspot.com/> Serenata da Latada – 21 | OUT | 10 – QUINTA-FEIRA

Esta noite, na Praça do Comércio em Coimbra, realizou-se a Serenata de abertura da Latada.

Começou o Grupo "Rapsódia" composto pelos seguintes elementos João Pedro Filipe – Guitarra, Pedro Duarte Baptista – Guitarra, Pedro Oliveira – Voz, Tiago Castanheiro – Voz, Ricardo Caiado – Voz, Hugo Martins – Voz.

Interpretaram os seguintes temas:

- Canto do Amanhecer, de Carlos Paredes

- Fado da Despedida

- Canto de Embalar, de Carlos Paredes

- Amor de Estudante

- Despertar, de Carlos Paredes.

Seguiu-se o Grupo "Sangue Novo" composto pelos seguintes elementos:

Manuel Coroa – Guitarra, Paulo Silva – Guitarra, Francisco Requicha – Viola, Alberto Silva – Voz, João Silva – Voz, Miguel do Nascimento – Voz, Ugo Fontoura – Voz.

Interpretaram os seguintes temas:

- Valsa Triste, de Gonçalo Paredes, Solitário, Balada de Outono, Fado das Andorinhas, Variações em Lá Menor, de Artur Paredes, Balada do Tempo Breve, Canção para todos os dias

- Asas sobre o mundo, de Carlos Paredes, Fado Triste, Canção de Embalar, Saudades de Coimbra, Balada de Coimbra, de José Elyseu, com arranjos de Artur Paredes.

## CANÇÃO DE COIMBRA NO IMAGINÁRIO ESTUDANTIL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

[http://guitarracoimbra.blogspot.com/2010\\_11\\_01\\_archive.html](http://guitarracoimbra.blogspot.com/2010_11_01_archive.html) | GUITARRA DE COIMBRA III, por Jorge Cravo

### INTRODUÇÃO

A Universidade de Coimbra, fundada no século XIII, é das poucas instituições universitárias europeias oriundas dos tempos medievais que viu o seu corpo discente desenvolver o filão académico de uma Canção fortemente influenciada pela música tradicional da cidade. Ao longo dos séculos, fruto de uma sociabilidade urbana própria de

uma cidade universitária, a população e os estudantes souberam criar uma individualidade musical regional e local específica: a Canção de Coimbra.

Naquilo que a envolve em termos de vivência humana, "escolas" de execução e interpretação, poesia, valores de solidariedade e de fraternidade, a Canção de Coimbra continua a sustentar na oralidade a sua forma tradicional de transmissão e de aprendiza-

gem. Fruto da troca de sensibilidades musicais entre actuais e antigos estudantes, esta Canção vive de uma constante improvisação em torno do seu imaginário. Deste modo ela é permanentemente recriada pelos seus executantes, que a reconhecem como seu património, fundamentando assim a sua imaterialidade no valor da memória musical identitária de uma comunidade académica.

01.

## JANTARES MENSAIS

Abriu-se a nova época (outonal) em 3 de Setembro, seguindo-se os jantares de Outubro e de Dezembro, todos com uma afluência que continua a indicar o gosto dos Associados por estes encontros singelos, sempre participados até por familiares, sobretudo dos que são aniversariantes de cada mês. Ei-los:



*Os Aniversariantes de Julho*



*Os Aniversariantes de Setembro*

02.

## CONVERSA MENSAL

Houve oportunidade para apenas uma, em Outubro, a do "Vem Dizer de Tua Justiça", que motiva a presença dos que querem apoiar a

Direcção em sugestões e reparos (quando é, objectivamente, caso disso) e manifestar as suas preferências quanto às viagens do ano

seguinte, assim prefiladas: Canadá/Cruzeiro no Alasca ou E.U.A.; e Turquia ou Açores, tendo vencido a 1ª alternativa de cada grupo.

03.

## CORAL AD-HOC, BORDADOS E DANÇAS DE SALÃO

Continuamos a animar o nosso espaço, sem espírito ou intuito de "exibição", mas transformando estas actividades em momentos de convívio e de saudável conversação.

04.

## COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra convidou-nos para a abertura solene das aulas, em 15 de Setembro; e, conjuntamente com a Directora do Museu Nacional de Machado de Castro e os Directores do Museu das Ciências e da Biblioteca Geral da U. C., para a inauguração e visita à Exposição "Ver a República";
- A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, sediada em Coimbra, promoveu o XL Dia do Antigo Estudante de Coimbra no dia 6 de Novembro, com a habitual Missa, visita à Torre restaurada, cumprimentos ao Reitor e jantar de gala, tendo a nossa Associação confraternizado com 45 Associados;

- A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto convidou-nos a participar na comemoração do seu 17º Aniversário, no dia 13 de Novembro, com a Abertura da Sessão, Homenagem a Arménio Assis e Santos e a Maria Odete Campos e Jantar com Serenata;
- A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Braga convidou-nos para a sua festa anual, neste ano de homenagem ao Antigo Estudante de Coimbra, no dia 4 de Dezembro, com um programa que se iniciou com um almoço e segue uma parte cultural aliciante onde o convívio e o Fado de Coimbra tiveram lugar privilegiado;
- A Universidade de Lisboa continua solicitando a nossa presença nas actividades cul-



Foto com a Estudantina

- turais, das quais assinalamos os notáveis concerto "Canções para o Centenário" (em 15 de Outubro) e "10ª Gala de Ópera da Universidade de Lisboa" (11 de Dezembro);
- O Centro Cultural Regional de Santarém convidou-nos para a Gala Comemorativa dos 25 anos do Grupo Guitarra e Canto de Coimbra (em 6 de Novembro);



• A Sociedade Portuguesa de Protecção contra Radiações (cujo Presidente é o

nosso Sócio Quintela de Brito) convidou-nos para a sessão de abertura das

14as Jornadas Portuguesas em 17 de Novembro.



## IN MEMORIAM

Ao ÂNGELO VIEIRA ARAÚJO  
(FALECIDO EM 30 DE JULHO DE 2010)

À Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa (AAECL) cabe, em primeira mão e com total legitimidade, dar aqui testemunho sobre a vivência associativa do Ângelo Araújo, norteadora pelo seu apego à vida académica e a sua dedicação exemplar à cultura coimbrã, nas mais variadas manifestações.

Como Antigo Estudante, a ele se devem os melhores anos da então *Delegação em Lisboa da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra* (a Associação Mãe), à qual presidiu na década de 80.

Constituída autonomamente, em 1992, a actual Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e eleitas as sucessivas Direcções (presidida a 1ª, no 1º triénio, pelo Daniel Proença de Carvalho e nos seguintes, até ao presente, pela signatária, que também integrou aquela), o Ângelo Araújo continuou a dar a sua colaboração em várias actividades, emprestando ainda corpo ao seu espírito humanista e de solidariedade através da criação da "*Comissão Filantrópica*", que dinamizou enquanto a vida familiar permitiu, sempre de braço dado com o seu Amigo e colaborador desinteressado Brigadeiro João de Deus Quintela.

Tanto assim que ao Quintela se deve grande parte da compilação de poemas que o Ângelo fazia em qualquer lugar e em qualquer pedaço de papel, que depois metia ao bolso, esquecendo-o, até ser removido pe-

lo Amigo para divulgação (que mais não fosse) nos eventos da Associação.

Por tudo isto – aliado à invulgar estatura do Homem, do Poeta, do cultor da música de Coimbra, na voz e no som – a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa escolheu, por unanimidade, o Ângelo Araújo para Homenageado na 2ª Tomada da Bastilha, em 1994 (em 1993 houvera sido homenageado o Tóssan, a título póstumo).

E, conforme relata o Tito Costa Santos no "*Capa Et Batina*" nº 4, "*... a lotação do Casino Estoril esgotou e a malta do Ré Menor também bateu o recorde de presenças para prestar homenagem ao mais querido de todos nós*".

Homenagem essa de que foi "porta-voz" o Amigo Quintela e à qual o Ângelo respondeu com a modesta dignidade que é seu apanágio:

*"Coimbra Minha, Meus Amores!*

*Só Coimbra conseguiria fazer com que eu, em contra-ponto com o Não-Discurso do nosso Laborinho Lúcio, me atrevesse a fazer um «discurso... Não...» O meu discurso-não não tem palavras sonantes, frases feitas ou citações latinas, nem ideias geniais...*

*E porquê? Porque não! Porque sendo apenas destinado a agradecer, a isso me limito afirmando-vos a imensa gratidão que conservarei por todos vós na memória do meu coração.*

*E ainda pedir-vos, ao aceitar esta V. manifestação de simpatia, que me permitam*

*torná-la extensiva a todos os Antigos Estudantes de Coimbra, de todos os tempos – actuais, passados e futuros – com uma chamada especial aos que constituíram a equipa directiva da nossa Delegação a que presidi. É que ela conseguiu não só incentivar de forma inegável as manifestações de são convívio entre nós, como também e em consequência contribuir para o reavivar da tradição de que é parte importante a Tomada da Bastilha que hoje estamos comemorando.*

*Para todos os antigos estudantes que «viveram» e «sentiram» Coimbra, que respeitam as suas velhas tradições de Humanismo, quaisquer que sejam os credos ou ideais, e que mantêm viva a sua fé naquela sã camaradagem e companheirismo fraterno com que a sombra tutelar da nossa ALMA MATER nos marcou, Vai o meu Abraço Maior.*

*E para a nossa Velha Universidade, estou certo que poderei mandar, com o meu, também o Vosso Amor."*

Foi sem dúvida esta homenagem que abriu as portas a outras iniciativas, individuais e colectivas, de preito ao Ângelo, a elas aderindo sempre a nossa Associação com aquele lastro de sentimento de uma justiça já feita no momento oportuno. Sentimento esse que decerto nos leva a continuar a preiteá-lo com a mesma sincera devoção

Pela A.A.E.C.L.

Maria de Fátima Lencastre

Deixaram-nos no segundo Semestre de 2010:

- Dr. Ângelo Vieira de Araújo, Sócio 43 – em 30 de Julho;
- Dr. João da Costa Neves, Sócio 172 – em Agosto;
- Eng. José Hélder Ribeiro de Moraes, Sócio 398 – em 22 de Setembro;
- Sr. José Lima Lobo, Sócio 28 – em 22 de Novembro;

- Arq. António Tomaz da Silva Pinto Serra e Moura, Sócio 4 – em 29 de Novembro;
- Dr. Antero Mendes Freire, Sócio 347 – em 30 de Dezembro;
- Dr. Gustavo Neto Miranda, Sócio 838 – em Dezembro
- Eng. José Marques Murta, Sócio 16 – em Dezembro.

Que descansem em Paz!



Julho a Dezembro 2010

## FICHA TÉCNICA

### CAPA E BATINA

**DIRECTOR:** A Presidente da Direcção

**EDIÇÃO:** Associação dos Antigos Estudantes  
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: [aaecl@sapo.pt](mailto:aaecl@sapo.pt)

INTERNET: [www.aaec-lisboa.com](http://www.aaec-lisboa.com)

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

**PERIODICIDADE:** Semestral

**TIRAGEM:** 1000 exemplares

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS**

**SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO**

